

# **um guia de arquitetura de são paulo:**

**org. fabio valentim**

**doze  
percursos e  
cento e vinte  
e quatro  
projetos**

um guia de  
arquitetura  
de são paulo:  
doze  
percursos e  
cento e vinte  
e quatro  
projetos

organizado por  
Fabio Valentim

1ª edição  
São Paulo, 2019

# apresentação

Poucas cidades no mundo dispõem de um acervo de edifícios modernos tão rico como o de São Paulo. Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas, Lina Bo Bardi, Rino Levi e Paulo Mendes da Rocha são os nomes mais conhecidos de muitos que aqui construíram. Longe de abarcar tudo, este Guia busca em seu recorte garantir uma amostragem significativa e diversa, na qual cabem parques, escolas, residências, torres habitacionais e comerciais, galerias, clubes, e assim por diante. A seleção de obras vai além das áreas centrais; inclui diversas zonas periféricas e municípios vizinhos.

A ideia de reunir um conjunto de prédios expressivos num guia é um antigo desejo da Escola da Cidade. Arquitetura se conhece *in loco*, só a experiência da visita permite a real compreensão do contexto urbano, da escala, da luz, dos sons, da expressão plástica, dos materiais e até a percepção das pessoas que vivenciam o espaço.

O recorte deste Guia não se limita ao período moderno — inserimos obras mais recentes que nos parecem já suficientemente reconhecidas para constar como patrimônio da cidade. Há 124 delas, agrupadas em 12 roteiros delimitados em mapas setoriais que procuram facilitar as visitas. O agrupamento das obras em roteiros é também uma maneira de percorrer uma extensão maior da cidade e, assim, de compreender a complexidade de sua escala e de sua diversidade.

As lacunas existem e são grandes, a começar pelas residências privadas que funcionaram, e ainda funcionam, como um espaço de experimentação para os arquitetos. Sua visitação em tempos de insegurança não costuma ser fácil; assim, optamos por priorizar os edifícios públicos, em geral mais acessíveis.

Para viabilizar este projeto e reunir este material, é importante mencionar o apoio de professores, alunos e ex-alunos, funcionários e simpatizantes da escola. Este livro também celebra a primeira parceria com a WMF Martins Fontes, editora que sempre teve participação fundamental na publicação de obras de arquitetura no país. Um guia de arquitetura voltado para edifícios notáveis negligencia, ao menos em parte, a cidade. Por isso, incluímos no início um pequeno ensaio do fotógrafo Lalo de Almeida, apresentando São Paulo e seus moradores a partir dos doze percursos sugeridos.

# introdução

FABIO VALENTIM

Em São Paulo o início da arquitetura moderna é comumente associado à construção da Casa Warchavchik. Desenhada para a família do próprio arquiteto, a obra ficou conhecida como Casa Modernista. Com inspiração estética no racionalismo europeu, a casa na realidade foi construída de maneira tradicional, com uso limitado do concreto armado. Warchavchik realizará ainda duas casas notáveis no final da década de 1920, ambas no Pacaembu, uma na rua Itápolis e outra na rua Bahia. Nesse mesmo período o arquiteto Júlio de Abreu projetou um surpreendente edifício vertical na avenida Angélica que, não obstante seu pioneirismo, ficou como uma exceção em sua obra, o que talvez explique sua pouca repercussão. As casas de Warchavchik prenunciavam um destino urbano planejado e guiado pela técnica para o futuro da cidade. Difícilmente alguém nesse momento seria capaz de imaginar uma cidade que chegaria, em sua mancha urbana, a abrigar quase 20 milhões de pessoas no final do século xx, com toda sorte de problemas inerentes à sua escala.

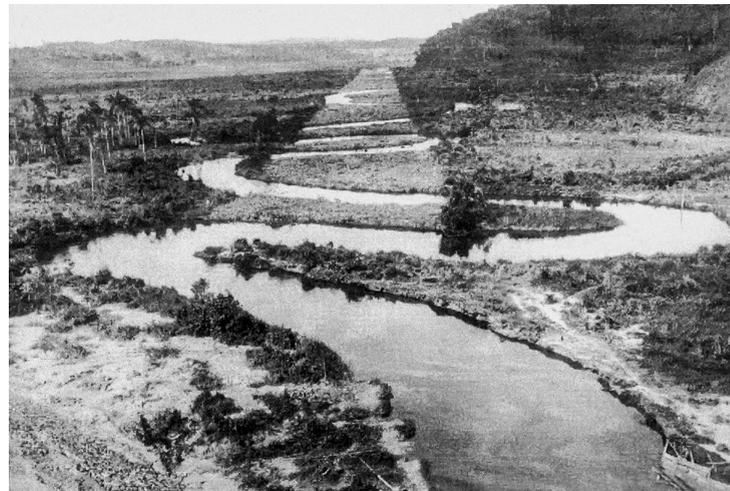
O diagrama de crescimento da cidade no século xx dá a dimensão da explosão da mancha urbana. A primeira ferrovia, conhecida como Santos-Jundiaí (São Paulo Railway), cruzou a cidade acompanhando a várzea do rio Tietê, beneficiando-se do terreno plano e do baixo valor da terra, devido às cheias e aos conseqüentes alagamentos no período das chuvas. As primeiras indústrias se instalaram progressivamente ao longo da linha férrea, nos bairros Brás, Pari e Mooca. Os rios (Tietê, Pinheiros e Tamanduateí), originalmente bastante caudalosos, foram canalizados e retificados. O crescimento urbano chegou às antigas várzeas, potencializado pela construção de avenidas expressas marginais aos rios. Os ribeirões e córregos foram quase na sua totalidade canalizados, surgindo sobre os antigos leitos novas ruas e avenidas. Pouco a pouco a cidade foi perdendo a relação com sua geografia original e ganhando, por outro lado, uma geografia construída. Erguida com pouco ou nenhum planejamento, ou melhor, com um planejamento que se limitou à definição de novos traçados viários, a cidade sempre careceu de planos urbanos mais abrangentes. O primeiro e mais conhecido deles, feito por Prestes Maia e Ulhôa Cintra, o chamado "Plano de Avenidas", já no próprio nome esclarece seu foco e seu limite. Seu traçado, baseado em anéis viários (rótula e contrarrótula) e avenidas de irradiação, foi determinante no esquema de circulação do

Centro e nos vetores de expansão da cidade. As represas criadas ao sul da cidade, Guarapiranga (1908) e Billings (década de 1930), não tinham inicialmente a função de abastecer a cidade de água potável, sendo mananciais de água ligados ao sistema de geração de energia. No caso da Billings, o sistema implicou a reversão do Pinheiros e a construção de imensos dutos que lançam a água doce para turbinas localizadas no sopé da Serra do Mar, 800 m abaixo. Foi esse estoque de energia que alavancou a implantação da indústria automobilística no chamado ABC paulista, o mais importante polo industrial do país entre o final dos anos 1940 e 1980.

Assim, foi no final dos anos 1940 que a cidade se tornou de fato o centro econômico do país, apresentando crescimento acelerado. A arquitetura paulistana começou a ganhar relevância, mantendo certa independência da produção carioca. Obras como a Biblioteca Municipal e o Jockey Club atestam isso. Mas talvez as mais importantes realizações da arquitetura moderna em São Paulo sejam os conjuntos habitacionais promovidos por fundos de pensão, como o da Várzea do Carmo, da Mooca, de Santo André, entre outros. Em alguns casos, a escala desses conjuntos fez com que fossem inseridos como bairros planejados dentro da cidade.

As duas principais faculdades de arquitetura (do Mackenzie e da Universidade de São Paulo), inicialmente ligadas às escolas de engenharia, tornaram-se autônomas. Muitos arquitetos europeus migraram para São Paulo logo após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Entre os italianos, Lina Bo Bardi, Maria Bardelli, Ermanno Siffredi, Giancarlo Palanti e Daniele Calabi. Do norte da Europa, Bernard Rudofsky, Victor Reif, Lucjan Korngold, Adolf Franz Heep, entre tantos outros. Aqui, juntaram-se a outros arquitetos imigrados antes da guerra, como Jaques Pilon e Gregori Warchavchik.

Os arquitetos em São Paulo, diferentemente do que ocorreu no Rio de Janeiro quando era ainda a capital federal, dependiam de encomendas do setor privado. Muitos deles iniciaram suas carreiras profissionais como construtores. É o caso de Rino Levi, Oswaldo Bratke, Artigas e tantos outros. Esse viés de escolas de arquitetura derivadas dos cursos de engenharia, a vida profissional ligada à construção e a ausência de encomendas do setor público de certa forma moldaram um caminho distinto para a arquitetura paulista. Nos anos 1940, esses arquitetos, ao lado de Rino Levi e



Vista do rio Pinheiros no começo da década de 1930. Acervo Fundação Energia e Saneamento

Eduardo Kneese de Mello, empenharam-se na criação de um instituto capaz de regulamentar o exercício profissional de modo mais pleno e independente. Assim nasceu, em São Paulo, o Instituto de Arquitetos do Brasil, cujo edifício-sede foi objeto de um concurso em 1947, vencido por uma equipe liderada por Rino Levi e da qual faziam parte Miguel Forte, Jacob Ruchti, Abelardo de Souza, Hélio Duarte e Roberto Cerqueira César, entre outros. Projeto belíssimo, numa esquina do Centro Novo da cidade.

Entre o final dos anos 1950 e o início dos 1960 são construídos alguns dos mais importantes projetos da cidade: edifícios comerciais e residenciais no Centro Novo e residenciais de alto padrão em Higienópolis. Esse bairro, cujo nome remete à origem do loteamento, entregue com água encanada, esgoto e rede de drenagem, concentra uma série de edifícios modernos de altíssima qualidade. Entre os primeiros, desenhados ainda nos anos 1940, destacam-se o edifício Prudência, de Rino Levi, e o edifício Louveira, de Artigas. Pioneiros da arquitetura moderna em edifícios residenciais, juntos moldaram um tipo de ocupação urbana em que o prédio se mostra generoso com a cidade. O edifício Lausanne, projetado por Franz Heep em 1953, com sua fachada integralmente definida por venezianas móveis, é

outra referência do período. Artacho Jurado, empreendedor e projetista autodidata do surpreendente edifício Bretagne, introduziu certa irreverência em seus prédios, repletos de toda sorte de cores e revestimentos. Mais próximo ao Centro, Oswaldo Bratke fez um significativo conjunto de edifícios comerciais e residenciais — alguns construídos durante a Segunda Guerra, nos quais o arquiteto chegou a desenhar, conforme a legislação da época, *bunkers* antibombas no subsolo, mas também uma série de elementos construtivos difíceis de serem importados, e que a indústria nacional, por sua vez, ainda não produzia.

No início dos anos 1950 Oscar Niemeyer projetou, além do Parque Ibirapuera, uma série de edifícios para o mercado imobiliário. Destacam-se o Montreal, o Copan e o edifício Eiffel, todos caracterizados por uma forte relação urbana, talvez os mais interessantes nesse sentido na vasta obra do arquiteto carioca. No centro da cidade, muitos edifícios foram construídos associados a galerias comerciais nos térreos, criando um interessantíssimo e único conjunto urbano no chamado Centro Novo de São Paulo. Destacam-se nesse contexto o pioneiro edifício Esther, seguido pelo Califórnia, Copan, Eiffel e pelas galerias Baratos e Afins (atual Galeria do Rock), Nova Barão e Metrópole. Alguns desses conjuntos, como Esther, Copan e Nova Barão, são híbridos, conjugando o uso comercial com serviços e habitação — modelos banidos pelo zoneamento no início dos anos 1970 e que hoje voltam a despertar atenção em sua proposição urbana.

De certa forma, o conjunto projetado por Oscar Niemeyer no Parque Ibirapuera marcou a introdução e a adoção da arquitetura moderna pelo poder público municipal em São Paulo. Composto de um conjunto de pavilhões interligados por uma gigantesca marquise sinuosa, é um dos mais notáveis parques urbanos já construídos. A construção do parque fazia parte do programa de comemorações do IV Centenário da Cidade (1954). Além do Ibirapuera, o programa gerou um convênio entre estado e município com o objetivo de zerar o déficit de salas de aula e erradicar a precariedade dos edifícios escolares até as comemorações, o que resultou numa das mais importantes iniciativas na área da arquitetura escolar. O “Convênio Escolar”, com uma pequena equipe de arquitetos liderada por Hélio Duarte, projetou mais de cem edifícios educacionais na cidade, incluindo três salas de teatro. Anteriormente, na década de 1930, o poder público municipal havia construído onze edifícios escolares de viés

moderno, mas ainda no âmbito do *art déco*, as chamadas escolas do Estado Novo.

Durante o governo estadual Carvalho Pinto, no início dos anos 1960, é criado o Plano de Ação, e os arquitetos com escritórios particulares passaram a participar da construção de equipamentos públicos em larga escala, sobretudo escolas e fóruns. Em parte ele reflete o êxito da construção de Brasília e, naquele momento, da política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. Distinguem-se nesse contexto as primeiras escolas de ensino médio projetadas por Vilanova Artigas, os ginásios de Itanhaém e Guarulhos, embriões de certa arquitetura paulista mais autônoma, muitas vezes chamada de “brutalismo paulista”. A construção do Campus da Universidade de São Paulo, planejado desde os anos 1930, tomou forma com o “Plano de Ação”. Entre os vários edifícios projetados, nenhum teve tanta repercussão como a nova Faculdade de Arquitetura e Urbanismo desenhada por Artigas. Um dos mais influentes sobre a arquitetura brasileira posterior, esse edifício tornou-se um dos símbolos, senão o maior símbolo, da arquitetura moderna paulista, influenciando sucessivas gerações de arquitetos.

Na passagem da década de 1950 para 1960 empreendimentos de grande escala promovidos pelo setor privado moldaram a avenida Paulista. Os mais significativos são os híbridos Conjunto Nacional e Nações Unidas, que conjugam galerias comerciais, escritórios e habitação, e o exclusivamente residencial Pauliceia, todos projetos baseados em altíssima densidade. A consolidação da avenida como centro financeiro redirecionou a produção para as torres corporativas, como o impecável Banco Sul-Americano ou o generoso Conjunto Cetenco. Mas, se hoje a avenida é entendida como o grande espaço simbólico da cidade, muito se deve à presença do Museu de Arte de São Paulo, o MASP. Projetado por Lina Bo Bardi em meados da década de 1950, o museu foi inaugurado em 1968, sendo a grande referência cultural da cidade na década de 1970. Seu térreo livre, uma praça sombreada por um bloco suspenso com vão de 70 m, é um dos espaços mais interessantes da cidade.

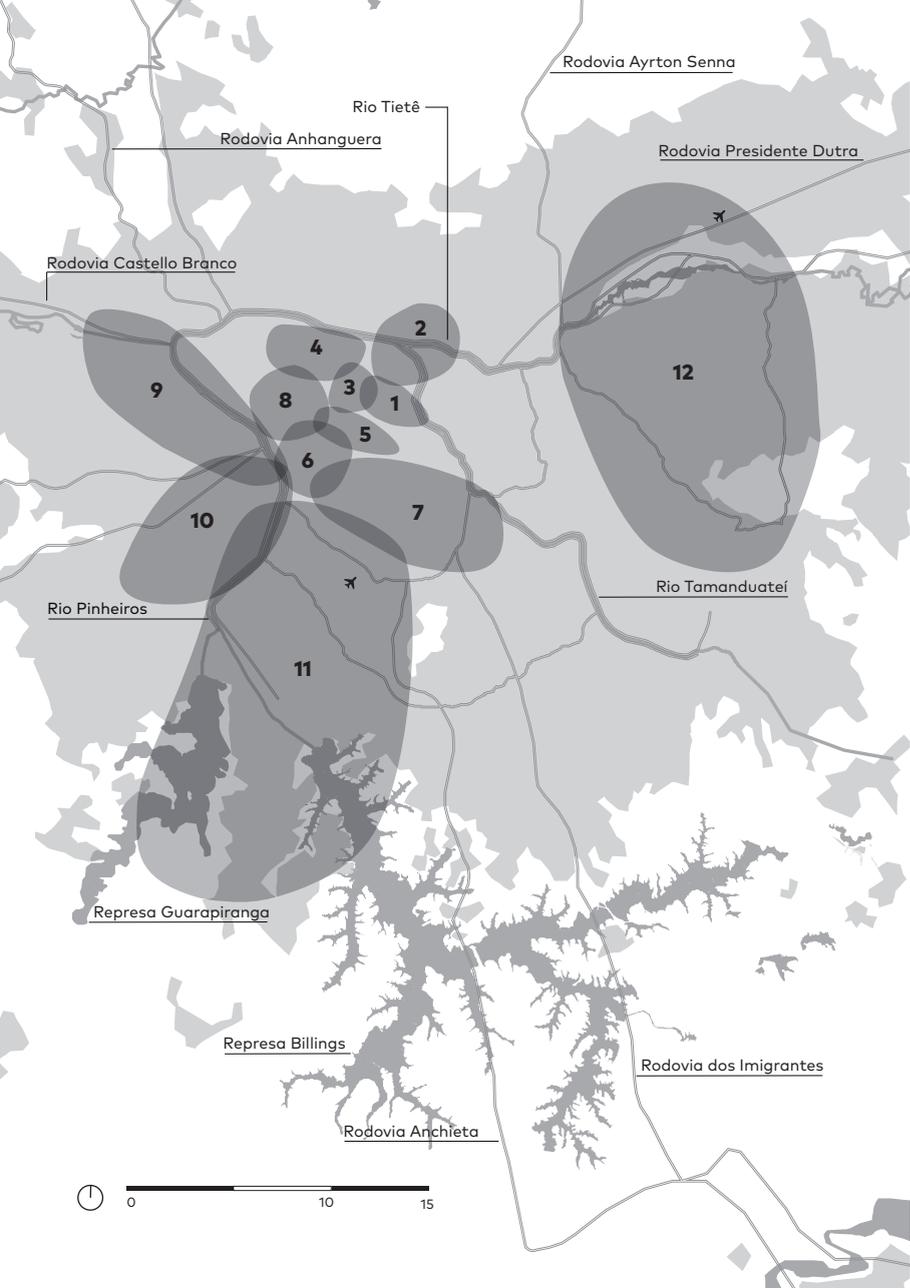
Em 1964 o golpe militar que derrubou o governo federal instituiu um longo período de ditadura. Em seguida, em 1968, o governo militar promulgou o chamado Ato Institucional nº 5, que extinguiu o poder legislativo e garantiu poderes quase irrestritos ao governo. A cassação de inúmeros professores da Universidade de São Paulo foi uma das primeiras

## como usar este guia

As obras selecionadas neste guia estão distribuídas em doze percursos, em diferentes escalas. Uma grade, sempre representando 1 x 1 km, indica as diferentes aproximações no mapa.

Durante o processo de crescimento que rapidamente transformou a vila na grande metrópole do país houve, em diferentes momentos e com interesses diversos, possibilidade de se construir obras relevantes da arquitetura paulistana. Mais concentradas no chamado centro expandido, entre os rios Pinheiros e Tietê, pode-se caminhar de uma a outra ou chegar em poucos minutos de metrô. Conforme seguimos para as bordas da cidade, a rede de transporte torna-se mais dispersa. As diferentes paisagens que os percursos descortinam nos apresentam a história do desenvolvimento dessa cidade complexa e heterogênea.

-  aeroporto
-  obras em destaque
-  obra
-  CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos)
-  Metrô (Companhia do Metropolitano de São Paulo)
-  norte
-  grade escala: 1 x 1 km



**1. Centro**  
p. 46

---

**2. Centro-Norte**  
p. 110

---

**3. Higienópolis,  
Pacaembu**  
p. 140

---

**4. Barra  
Fundada, Lapa,  
Pompeia**  
p. 170

---

**5. Paulista**  
p. 190

---

**6. Nove de  
Julho, Jardins**  
p. 240

**7. Ibirapuera,  
Vila Mariana,  
Campo Belo**  
p. 266

---

**8. Pinheiros**  
p. 310

---

**9. Cidade  
Universitária,  
Butantã**  
p. 324

---

**10. Morumbi**  
p. 362

---

**11. Zona Sul,  
Santo Amaro**  
p. 384

---

**12. Zona Leste,  
Guarulhos**  
p. 406

**Organização**

Fabio Valentim

**Preparação e revisão técnica**

Alexandre Benoît

**Revisão**

Luciana Gomide

Mariana Zanini

**Revisão de prova diagramada**

Editora WMF Martins Fontes

Marisa Rosa Teixeira

Isadora Prospero

Richard Sanches

**Ensaio fotográfico de abertura**

Lalo de Almeida

**Desenhos**

Editora Escola da Cidade

**Produção editorial**

Gabriella Gonçalves

Marina Rago Moreira

Mateus Tenuta

**Projeto gráfico e diagramação**

Núcleo de Design Escola da Cidade

**Tratamento de imagem**

Carlos Mesquita

**Editora Escola da Cidade**

Anderson Freitas

Fabio Valentim

José Paulo Gouvêa

Gabriella Gonçalves

Marina Rago Moreira

Gabriela Duarte

Ricardo Kalil

Alexandre Bassani

Thais Albuquerque

**Núcleo de Design Escola da Cidade**

Celso Longo

Daniel Trench

Mateus Tenuta

Manuella Leboeiro

Beatriz Gomes Oliveira

Anita Solitrenick

**Associação Escola da Cidade**

Arquitetura e Urbanismo

Rua General Jardim, 65, Vila

Buarque, São Paulo/SP

**Agradecimentos**

Alexandre Ferreira Makhoul

Alexandre Martins Fontes

Álvaro Razuk

André Scarpa

Beatriz Vaseno

Bebete Viegas

Bete França

Caio Sertório

Ciro Pirondi

Daniel Ducci

Daniel Souza de Carvalho

Débora Filippini

Giani Pardini

Hiram Latorre

Joana Barossi

José Elias Latuf

Karime Abed Zaher

Kimi Thumkus

Lauro Rocha

Lígia Zilbersztejn

Luciana Veit

Luis Mauro Freire

Luiza Menezes Thomaz

Luiza Moreno

Maira Martínez

Marcelo Maia Rosa

Marcio Sattin

Marcos Costa

Maria Tereza Fedeli

Mariana Caldas

Martha Levy Rezende

Mateus Atalla

Nelson Kon

Pedro Kok

Pedro Mendes da Rocha

Pedro Napolitano Prata

Pedro Vanucchi

Roberto Brotero

Roberto Guedes

Sabrina Sinelli Sobreiro

Sofia Boldrini

Tomas Amaral

Victor Panucci

Dados Internacionais de  
Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira  
do Livro, SP, Brasil)

Um guia de arquitetura de  
São Paulo: doze percursos e  
cento e vinte quatro projetos  
organizado por Fabio Valentim

1ª edição

São Paulo: Editora WMF Martins  
Fontes : Escola da Cidade, 2019.

ISBN 978-85-469-0278-1  
(WMF Martins Fontes)  
ISBN 978-85-64558-47-2  
(Escola da Cidade)

1. Arquitetura — Brasil —  
São Paulo (Cidade)  
2. Arquitetura —  
Manuais, guias etc.  
3. Arquitetura — Projetos  
e plantas i. Valentim, Fabio.

19-29645          CCD — 720.981611

Índices para catálogo  
sistemático:

1. São Paulo : Cidade :  
Arquitetura : História  
720.981611

Iolanda Rodrigues Biode  
Bibliotecária — CRB-8/10014



978-85-469-0278-1



978-85-64558-47-2

**Poucas cidades dispõem de um acervo de edifícios modernos tão rico como São Paulo. Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas, Lina Bo Bardi, Rino Levi e Paulo Mendes da Rocha são os nomes mais conhecidos dos que aqui construíram. Arquitetos que, juntamente a outros, contribuíram decisivamente para tornar São Paulo uma cidade única em seu patrimônio construído e cujo legado merece ser apreciado e difundido. Esse guia apresenta 124 obras, agrupadas em 12 percursos delimitados em mapas setoriais de São Paulo, que possibilitam percorrer uma extensão maior da cidade para melhor compreender sua escala, sua diversidade e sua complexidade.**

**editora**

---

**escola  
da cidade**

 **wmf**martinsfontes